

LAST-ISLANDS procura descobrir onde sobrevivem as espécies endémicas raras em florestas exóticas dos Açores

Projeto liderado pela [Fundação Gaspar Frutuoso](#) e pela [Universidade dos Açores](#) conta com um apoio de até 300 mil euros da [Fundação Belmiro de Azevedo](#) e vai estudar, durante três anos, a persistência de espécies nativas e endémicas em florestas exóticas e habitats em transição em várias ilhas dos Açores.

Ponta Delgada, setembro de 2026 – Quando uma espécie rara persiste numa floresta alterada pelo ser humano, isso significa que encontrou um refúgio duradouro ou que a sua população está a caminho de desaparecer? É esta uma das questões centrais do LAST-ISLANDS – Legacy tAxSurvivors in Transitional ISLAND Systems, projeto científico que arranca nos Açores no final de setembro e que pretende compreender em que condições espécies nativas e endémicas conseguem persistir em florestas exóticas e outros habitats em transição.

O projeto é liderado pelo Grupo de Biodiversidade dos Açores, da Universidade dos Açores, integrado no [CE3C – Centro de Ecologia, Evolução e Alterações Ambientais](#), e coordenado pelo investigador Paulo Borges. Com uma duração de 36 meses, o LAST-ISLANDS conta com um apoio financeiro de até 300 mil euros da Fundação Belmiro de Azevedo, através de um protocolo de colaboração com a Fundação Gaspar Frutuoso e a Universidade dos Açores. O LAST-ISLANDS parte de uma questão com implicações diretas para a conservação da biodiversidade: as florestas exóticas e os habitats em transição podem funcionar como verdadeiros refúgios para espécies nativas ou estarão apenas a conservar populações residuais que poderão desaparecer no futuro? O projeto pretende distinguir entre populações com capacidade de persistência e populações isoladas que poderão estar sujeitas a uma denominada “dívida de extinção”.

A investigação terá como referência os dados já existentes e concentrados na ilha Terceira e será alargada às ilhas de São Miguel, Santa Maria, São Jorge, Pico e Flores, abrangendo

diferentes contextos de floresta exótica e habitats em transição. O estudo dará particular atenção a aranhas, escaravelhos e briófitos, como os musgos, integrando dados ecológicos, paisagísticos, taxonómicos e genéticos.

Ao longo do projeto, a equipa procurará identificar quais as características da paisagem e dos habitats que favorecem a persistência destas espécies e avaliar o papel de fatores como a dimensão e conectividade das manchas florestais, a estrutura da vegetação, a humidade e a proximidade de áreas de floresta nativa. Os resultados serão utilizados para desenvolver modelos e mapas de apoio à decisão, capazes de indicar áreas onde a restauração, a conectividade ecológica ou a monitorização poderão ser prioritárias. Para além da produção científica, o LAST-ISLANDS prevê a disponibilização de dados em acesso aberto, publicações científicas, recomendações para a conservação e uma exposição dedicada à biodiversidade “escondida” que persiste nas paisagens transformadas dos Açores.

O projeto pretende, assim, contribuir para uma compreensão mais integrada da biodiversidade dos Açores e fornecer evidência científica que apoie futuras decisões de conservação, nomeadamente na gestão de habitats, na restauração ecológica e no reforço da conectividade entre áreas naturais.